



O valor das pequenas comunidades de fé como fator de saúde integral na sociedade pós-pandêmica

The value of small faith communities as a comprehensive health factor in the post-pandemic society

Valdir Stephanini⁹

Docente no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: Poucas vezes na história o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e significativos se fazem tão necessários quanto nos dias que se sucedem à pandemia da COVID-19 e a busca de alternativas para que isso aconteça é de suma importância para a manutenção ou a restauração da saúde integral do ser humano. Pensando nisso é que o presente artigo busca investigar “qual a importância das pequenas comunidades de fé presentes nas igrejas protestantes desde o final do século XX e início do século XXI para a criação de vínculos primários que contribuam para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e significativos no período pós-pandêmico?”. A principal hipótese é que as pequenas comunidades de fé, também denominadas de Células, Pequenos Grupos etc., promovidos pelas igrejas cristãs, constituem-se em lugar privilegiado que contribuem para a superação de problemas de saúde e a sensação de isolamento causados pelo período da pandemia da COVID-19, além de propiciar ambiente de cuidado integral. O artigo tem como objetivo pontuar a importância das pequenas comunidades de fé presentes nas igrejas Cristãs, desde o final do século XX, para a criação de vínculos primários que contribuam para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e significativos no período pós-pandêmico.

Palavras-chave: Comunidade. Relacionamentos. Vínculos primários. Saúde integral.

Abstract: Few times in human history is the development of healthy and meaningful relationships as necessary as in the days following the COVID-19 pandemic, and the search for alternatives for this to happen is of paramount importance for maintaining or restoring health integral part of the human being. With that in mind, this article seeks to investigate “what is the importance of small communities of faith present in Protestant churches since the end of the 20th century and the beginning of the 21st century for the creation of primary bonds that contribute to the development of healthy and meaningful relationships in the post-pandemic period? The main hypothesis is that the small communities of faith, also called Cells, Small Groups, etc., promoted by Christian churches, constitute a privileged place that contributes to the

⁹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestrado Livre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul, Mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia, docente no PPGCR-FUV. Foi pastor presidente da Primeira Igreja Batista da Cidade da Serra-ES, de 1991 a 2019, onde atualmente é pastor Emérito.

overcoming of health problems and the feeling of isolation caused by the period of the COVID-19 pandemic, in addition to providing an environment of comprehensive care. The article aims to point out the importance of small communities of faith present in Christian churches, since the end of the 20th century, for the creation of primary bonds that contribute to the development of healthy and meaningful relationships in the post-pandemic period.

Keyword: Community. Relationships. Primary bonds. Comprehensive health.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar as pequenas comunidades de fé como instrumentos para o desenvolvimento de relacionamentos primários entre pessoas com vistas à uma espiritualidade que produza saúde integral ao ser humano num momento de extrema complexidade em que vive a sociedade, ainda em pandemia e no período pós-pandêmico.

A pergunta problema do artigo é: qual a importância das pequenas comunidades de fé presentes nas igrejas protestantes desde o final do século XX e início do século XXI para a criação de vínculos primários que contribuam para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e significativos no período pós-pandêmico?

O embasamento teórico do artigo, do ponto de vista sociológico, está ancorado em Boaventura de Souza Santos, que analisa as consequências da pandemia da COVID-19 e Zigmund Bauman, que analisa a importância da vida em comunidade desde o final do século passado. Já, do ponto de vista teológico, o artigo ampara-se no concílio vaticano II e mais especificamente na eclesiologia de comunhão, preconizado por Bruno Forte, além de outros autores que tratam do assunto.

O artigo está dividido em duas seções. Na primeira, serão apresentados alguns apontamentos da visão que se tinha da importância da vida em comunidade antes do início da pandemia da COVID-19, que assolou o mundo inteiro a partir do final de 2019 e que ainda permanece, embora em fase de desaceleração diante das medidas de uso de máscara, distanciamento social e sobretudo pelas vacinas. Apresenta também alguns elementos revelados pela pandemia sobre o valor da vida em comunidade, sobretudo quando do isolamento social, afetando inclusive as comunidades de fé.

Na segunda seção as pequenas comunidades serão apresentadas como alternativa para a vida em comunidade, sobretudo como importante vetor para o desenvolvimento de uma espiritualidade baseada em relacionamentos primários saudáveis que, por sua vez, possam produzir saúde integral para o ser humano num tempo complexo como é o momento vivido pela sociedade contemporânea.

1 O que se dizia do valor da vida em comunidade antes da pandemia

Na virada do milênio Zygmunt Bauman dedicou uma obra inteira para tratar do sonho da vida em comunidade, alertando para o fato de que, apesar de o termo ser agradável e inspirar sentimentos de aconchego, companheirismo e segurança, traz consigo algumas demandas que precisam ser consideradas e que podem distanciar o alcance do sonho desejado. Segundo Bauman, “comunidade é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e

esperamos vir a possuir”¹⁰. Pelo menos, não a comunidade dos sonhos da modernidade, porque a vida em comunidade continua sendo viável e necessária, mas com outros contornos, outras configurações.

Liberdade e segurança, dois valores que faziam parte da vida comunitária da modernidade e que passam a ser conflituosas na modernidade líquida¹¹, pós-modernidade¹² ou hipermodernidade¹³.

A liberdade e a segurança, ambas igualmente urgentes e indispensáveis, são difíceis de conciliar sem atrito [...] A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança [...] a segurança sacrificada em nome da liberdade tende a ser a segurança dos *outros*; e a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos *outros*.¹⁴

Por sua vez, Boaventura de Sousa Santos faz uma análise interessante, pontuando três elementos de regulação das sociedades contemporâneas. Ele afirma que

Os três princípios de regulação das sociedades modernas são o Estado, o mercado e a comunidade. Nos últimos quarenta anos foi dada prioridade absoluta ao princípio do mercado em detrimento do Estado e da comunidade. A privatização dos bens sociais colectivos, tais como a saúde, a educação, a água canalizada, a electricidade, os serviços de correios e telecomunicações e a segurança social, foi apenas a manifestação mais visível da prioridade dada à mercantilização da vida colectiva.¹⁵

Essa tendência verificou-se em todas as áreas da sociedade, tornando o mercado o verdadeiro senhor de todas as coisas, tendo predominância diante das necessidades das pessoas, independente dos males que isso pudesse produzir em termos de pobreza e sofrimento humano.

Sendo essa uma situação difícil de ser equacionada na sociedade de um modo geral, as comunidades de fé passam a ser alternativa para o preenchimento dessa lacuna e o suprimento dessa necessidade na vida das pessoas.

Entre os Protestantes, embora a ideia das pequenas comunidades de fé tenha sido utilizada desde o período do Novo Testamento, com o movimento iniciado por Jesus Cristo, um dos primeiros personagens a serem mencionados para a criação dos

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 9.

¹¹ O conceito de *modernidade líquida* foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925 – 2017) e diz respeito a uma nova época em que *as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis*, como os líquidos.

¹² Um dos principais teóricos a conceituar essa etapa da história da humanidade foi Jean François Lyotard (1924-1998), entendendo-a como uma total falência das principais ideias e promessas da modernidade

¹³ Hipermodernidade é o termo criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944 -) para delimitar o momento atual da sociedade humana. O termo “hiper” é utilizado em referência a uma exacerbação dos valores criados na Modernidade, atualmente elevados de forma exponencial.

¹⁴ BAUMAN, 2003, p. 24.

¹⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020, p. 27.

Pequenos Grupos em tempos mais recentes é o do pastor sul-coreano Yonggi Cho, posteriormente autodenominado Paul Yonggi Cho e depois David Yonggi Cho, um pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus que no início dos anos setenta do século passado, iniciou um ministério de Pequenos Grupos aos quais denominou Grupos Familiares, que causou um grande impacto no crescimento da Igreja Central do Evangelho Pleno, em Seul, Coreia do Sul e que tem influenciado igrejas protestantes de todas as matrizes teológicas ao redor do mundo.¹⁶

A partir de Yonggi Cho, diversas outras propostas de Pequenos Grupos se espalharam pelo mundo, podendo ser citados duas que se destacaram, a proposta do Ministério Igreja em Células, com Ralph Neighbour¹⁷, e da Igreja Dirigida por Propósitos, com Rick Warren.¹⁸

¹⁶ CHO, Paul. Y. *Grupos familiares e o crescimento da igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 1985, p. 192.

¹⁷ Ralph Neighbour Jr nasceu em 01 de abril de 1929 em Michigan – EUA, filho de pastor batista. Graduou-se em Teologia na Northwestern College e Doutourou-se em História Eclesiástica no New Orleans Baptist Theological Seminary, em Ministérios no Seminário Luther Rice e Sagrada Teologia no Southwest Baptist University. Atuou na plantação de mais de uma dezena de igrejas no nordeste dos Estados Unidos, trabalhou para a Associação Billy Graham em suas cruzadas evangelísticas e serviu no departamento de evangelismo da Convenção Batista do Texas. Entrou em crise ao constatar que o cristianismo moderno estava confinando o povo de Deus em estruturas físicas e a igreja já não tocava as pessoas nas comunidades à sua volta. Afastou-se da denominação Batista em 1969 e deu início à uma Igreja experimental em Houston. Estudou e envolveu-se com o ministério de pequenos grupos do pastor norte-coreano Paul (David) Yonggi Cho. Viveu duas vezes em Cingapura. Na segunda vez atuou como pastor na Comunidade Faith Baptist Church, desenvolvendo um modelo de Igreja em Células, cuja igreja passou de 600 para mais de 5 mil membros (1990-1995). Fundou o TOUCH (Transforming Others Under Christ's Hand) Outreach Ministries, um centro de treinamento que visa capacitar igrejas e obreiros interessados em implantação do sistema de células, onde já participaram pastores da China, África do Sul, Cazaquistão, Mongéla, Rússia, Taiwan, Indonésia, Brasil, etc. Passou 3 anos na África do Sul (1996-1998) equipando pastores da Fellowship Independente da Igreja Carismática e da Missão da Fé Apostólica, treinando seus pastores a transição para igrejas em células. O curso produzido por Neighbour conhecido como “Ano da Transição” já treinou e orientou mais de 17 mil igrejas no Brasil, ao longo dos últimos 15 anos. ele ainda escreve e é apaixonado sobre seu último livro, *de Cristo Básico Corpos*, que fala para a necessidade de o grupo de célula a ser reconhecida como a comunidade mais sagrada da Terra, a expressão da presença e do poder de Cristo, fortalecidos pelo Supremo para a colheita nesta geração. Com mais de 86 anos de idade ainda atua como professor-assistente do Golden Gate Baptist Theological Seminary coordenando o Programa de Doutorado e ainda viaja pelo mundo na qualidade de consultor. Dentre os mais de 30 livros que escreveu destacam-se *Were do we go from here?* (E agora? Para onde vamos?), *The Shepherd's Guidebook* traduzido e publicado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil, NEIGHBOUR JR, R. W. *Manual do líder de célula*. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil. 2000, 256 p. e mais recentemente escreveu *Christ's Basic Bodies* também traduzido e publicado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil. (NEIGHBOUR, Ralph. W. *Unidades básicas do corpo de Cristo: vivendo a presença, o poder e os propósitos de Deus em comunidades bíblicas*. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil. 2009, p. 259).

¹⁸ O Movimento conhecido como Igreja Dirigida por Propósitos surgiu nos Estados Unidos, por iniciativa do Pr. Rick Warren, fundador de uma mega-igreja na Califórnia, denominada Igreja Saddleback, em 1980. Os cinco propósitos foram exaustivamente explorados no livro que tem o mesmo título do movimento⁵⁰ e tem sido apresentado através de seminários ao redor do mundo. Warren acredita que uma igreja que conhece quais são e segue propósitos estabelecidos por Jesus para ela, sabe para onde vai e é comprometida com os ideais bíblicos. Segundo Warren, a Igreja tem basicamente cinco propósitos, ou seja, Amar a Deus com todo o coração (Adoração), Amar o seu próximo como a si mesmo (Serviço), ir e fazer discípulos (Evangelismo), batizar os/as discípulos/as de Jesus Cristo (Comunhão) e ensinar os discípulos a serem obedientes (Discipulado) (WARREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. São Paulo: Vida, 1997, p. 127-135).

A ideia básica de ambas as propostas é de igrejas que se organizam em Pequenos Grupos visando o cuidado mútuo, o pastoreio mais próximo e o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis, com a criação de vínculos primários entre os membros dos grupos.

Valdir Stephanini escreve sobre a experiência de Pequenas Comunidades na Igreja Católica Apostólica Romana, nos tempos mais recentes:

A partir do Concílio Vaticano II, isto é, da década de 1960, muitas iniciativas começaram a ser tomadas, tanto por católicos como por protestantes no sentido de fomentar comunhão entre os membros da Igreja de Jesus Cristo. Embora o Concílio não tenha feito alusão a pequenos grupos, menciona, por exemplo, a importância da família na educação religiosa de seus filhos, denominando-a de “Igreja doméstica” (LG 11). Após o Concílio, famílias norte-americanas passaram a celebrar missas domésticas em várias partes dos pais. Na América do Sul, *comunidades eclesiais de base* e outros tipos de grupos de famílias que se reúnem para ajuda social e eclesial desenvolveram-se, demonstrando o desejo de recuperar, entre outros aspectos, a identidade comunitária da Igreja.¹⁹

Outros documentos atestam para a importância das Pequenas Comunidades de fé na Igreja Católica Apostólica Romana ao redor do mundo. Recebeu uma resposta extremamente significativa da Igreja da América Latina que entendeu que “a comunhão dos fiéis e das Igrejas locais do povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade”²⁰ e que “o povo de Deus se constrói como comunhão de Igrejas Particulares”²¹.

Como se vê, um verdadeiro clamor por aproximação entre as pessoas ouvia-se em diversos setores da sociedade, embora essas vozes fossem abafadas pela ânsia de poder e de consumo. O resultado é que, mesmo antes da pandemia da COVID-19, verificava-se o aumento no número de pessoas aspiravam por participação em Pequenos Grupos, tanto que começaram a surgir em grande número em igrejas cristãs (Católicas e Protestantes) do mundo inteiro, inclusive brasileiras.

Na próxima seção será demonstrado que, com a pandemia da COVID-19, a necessidade de comunhão mais profunda ficou ainda mais evidente e a valorização da vida em comunidade, mormente em Pequenas Comunidades, na busca de relacionamentos que produzam saúde integral.

2 As pequenas comunidades como alternativa para a vida em comunidade na sociedade pós-pandêmica

Nesta seção, as pequenas comunidades, também chamadas de Pequenos Grupos, Células, Comunidades Eclesiais de Base, dentre outros, serão apresentadas como uma alternativa viável para uma vida saudável, tanto em função das

¹⁹ SEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial?* Um estudo pastoral sobre pequenos grupos em Igrejas Batistas do estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016, p. 77.

²⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 2008, p. 155.

²¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2008, p. 182.

possibilidades de desenvolvimento de relacionamentos com vínculos primários, como também pela possibilidade de cuidado pastoral por parte das lideranças dessas pequenas comunidades de fé.

Com o distanciamento imposto pelas autoridades governamentais com o propósito de inibir a proliferação do vírus, o mundo inteiro teve que voltar pra casa, sem a possibilidade de desfrutar a vida em comunidade em qualquer nível e circunstância. Até mesmo as instituições que se caracterizam pela aproximação das pessoas, como as religiões, precisaram restringir os contatos interpessoais às redes sociais, interditando a vida em comunidade.

Entretanto, provavelmente o pós-pandemia dará origem a relacionamentos diferenciados, com outras bases. Assim como os abraços e apertos de mão serão mais comedidos e ameaçados pelo vírus em circulação, a vida em comunidade haverá de ser marcada pela insegurança e pelas incertezas, situações que terão que ser superadas através de alternativas de vida em que relacionamentos mais próximos possam ser desenvolvidos.

Mesmo antes da pandemia Zigmund Bauman já defendia que a comunidade continuará sendo vital nas relações humanas, mas não configurada pela comunidade dos sonhos^{22,23}. A nova configuração de comunidade, sobretudo nas sociedades pós-pandêmicas, “nunca será imune à reflexão, contestação e discussão; quando muito atingirá o status de um ‘contrato preliminar’, um acordo que precisa ser periodicamente renovado, sem que qualquer renovação garanta a renovação seguinte”²⁴.

No lugar da comunidade dos sonhos, eis que se encontra a comunidade em que os relacionamentos são provisórios, frágeis e carentes de revisão permanente, longe de ser marcado pela graça e pela misericórdia, tem um alto preço a ser pago, mas que ainda assim vale a pena, diante das ameaças do mundo marcado pela desgraça e pela competitividade destruidora.

Para Santos,

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas

²² A comunidade dos sonhos é assim descrita por Bauman: “Podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém par nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos” (BAUMAN, 2003, p. 8).

²³ BAUMAN, 2003, p. 8.

²⁴ BAUMAN, 2003, p. 18.

ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.²⁵

Uma alternativa interessante para a superação da crise de comunhão vivenciada já antes da pandemia e aprofundada por ela, são as os Pequenos Grupos, ou pequenas comunidades de fé mencionadas na primeira seção desse artigo.

Howard Clinebell afirma que “grupos pequenos são uma metodologia natural e testada pelo tempo na igreja [...] Esta estratégia cristã de potencialização e transformação pessoal, comprovada pelo tempo, foi descoberta em anos recentes por psicoterapeutas seculares”²⁶.

É necessário ressaltar que as pequenas comunidades de fé, ou Pequenos Grupos, não se restringem a meras reuniões sociais que acontecem com regularidade. Trata-se de um compromisso com o bem-estar do outro: “trata-se de discípulos e discípulas de Jesus Cristo que se comprometem em viver os princípios do evangelho em comunidade utilizando as reuniões dos grupos como estratégia que possibilitem encontros sistemáticos”²⁷.

Em pesquisa de campo realizada numa grande comunidade eclesial situada na cidade de Vitória-ES, Stephanini ouviu cem pessoas que participam de células organizadas pela igreja, de ambos os sexos, de idades variadas, de condição social diversa, que testemunharam da importância da célula em suas vidas. Sobre a importância das células para o desenvolvimento de vínculos primários, “nas 100 entrevistas feitas [...] 790 vezes é dito que fazer parte de uma célula significa desenvolver laços de amizade, companheirismo, relacionamentos tão íntimos que possibilitem um viver mais transparente e uma vida compartilhada”²⁸.

Significa desenvolver laços de amizade, companheirismo, relacionamentos tão íntimos que possibilitem um viver mais transparente e uma vida compartilhada, como destacou um dos entrevistados:

E você tem o contato direto com a pessoa, e você pode chegar na célula, você pode chorar, você pode rir, você pode falar seus problemas, você pode brigar com alguém, porque as pessoas estão lá pra se relacionar[...] Com o tempo a gente vai adquirindo certa intimidade com as pessoas e num é nem criar só uma amizade, assim, você cria um elo, uma ligação espiritual. Porque as pessoas, você está lá toda semana, a pessoa conhece, sabe seus problemas, sabe o que você está passando, você pode ligar e falar assim: "nossa, eu 'to ruim, eu preciso de oração. Eu, tipo, você pode me ajudar?". Então está todo mundo lá.²⁹

Essa é também a proposta da Eclesiologia de Comunhão proveniente do Concílio Vaticano II, como salienta José de Pinho:

A criação de um ambiente de relacionamento aberto e de acolhimento mútuo não pode deixar de ser um dos objetivos e preocupações

²⁵ SANTOS, 2020, p. 29.

²⁶ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 338.

²⁷ STEPHANINI, 2016, p. 92

²⁸ STEPHANINI, 2016, p. 128

²⁹ STEPHANINI, 2016, p.129.

prioritários da comunidade cristã, possibilitando que a experiência real das pessoas na vida inteira da comunidade corresponda minimamente àquilo que se proclama e se celebra.³⁰

Quando laços primários são estabelecidos, como afirma Bruno Forte, “a Igreja torna-se a boa notícia contra a solidão, a comunidade que nasce do alto em que se pode vencer a prisão do sujeito fechado em si mesmo, incapaz de comunicar-se e de amar”³¹. Além disso, supera-se a relação de prestação de serviços, sem vínculos eclesiais, onde apenas se consome religião como se fosse um produto. Pelo contrário, acontece o cuidado mútuo através de relacionamentos saudáveis.

Um dos aspectos mais importantes da dinâmica das pequenas comunidades de fé é a oportunidade que seus integrantes têm de compartilhar suas dificuldades sem serem julgados a oportunidade de serem ouvidos com atenção e amor. E isso é extremamente relevante, uma vez que “para aquele que sofre, falar sobre o que dói já é um passo em direção à cura, pois a dor pode sair do plano do puro sentimento e da sensação corporal para a palavra – falar já é elaboração psíquica, já é simbolizada.”³²

É na vida de comunidade, sobretudo na dimensão das pequenas comunidades de fé, que cada pessoa se sente gente e é convidada a contribuir para que outros também se sintam gente. Onde cada um/a é convidado/a e desafiado/a a sair da zona de conforto individual e colocar-se a caminho do encontro com o outro, na formação da coletividade. “É na vida de comunhão que o Reino de Deus ganha densidade, e a agenda de justiça e fraternidade pode ser concretizada como profecia contra todas as propostas ideológicas de saúde social”³³. É na vida de comunhão que são formadas redes através das quais as necessidades de cada um/a são supridas, contribuindo para o fortalecimento da fé e o encorajamento daqueles que passam por dificuldades de qualquer espécie.

Há uma percepção da necessidade de se encontrar caminhos para se chegar a uma verdadeira comunhão tanto no contexto protestante como também no contexto católico. Pode-se comprovar isso quando lemos o que disse Joel Amado, discursando na 47^a Assembleia Geral da CNBB, em Itaiçi, em maio de 2009.

A tendência hoje é a de acolher os diversos modos de concretizar a dimensão comunitária: comunidades territoriais e comunidades não-territoriais. O que permanece, como princípio historicamente inevitável, é a configuração em pequenas comunidades. É tempo de intensificar ainda mais a capilarização ou nucleação comunitária, ultrapassando os limites das relações burocráticas, da prestação de serviços, da efetiva experiência comunitária apenas para alguns.³⁴

³⁰ PINHO, José E.B. *Crítérios de comunhão e construção da comunidade*. Lisboa: Didaskalia, 2003, p. 216.

³¹ FORTE, B. *L'essenza del cristianesimo: il mistero dell'uomo nel mistero di Cristo*. Mondadori, 2002, p. 139.

³² WONDRACEK, Karin H. K. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 105.

³³ KIVITZ, Ed. René. *Outra espiritualidade: fé, graça e resistências*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 82.

³⁴ AMADO, Joel P. *Ser comunidade hoje: qual o melhor caminho? Alguns desafios atuais para a evangelização*. [online].

Depois de analisar as 100 entrevistas realizadas para sua tese de doutorado, como já mencionados nesse artigo, Stephanini afirma:

Pela análise na fala dos/as entrevistados/as foi identificado que os Pequenos Grupos contribuem decisivamente para a criação, manutenção e aprofundamento de laços primários, proporciona uma grande participação dos seus membros, com excelente aproveitamento dos/as discípulos/as de Jesus Cristo no pastoreio mútuo.³⁵

Como se vê, além de ser uma tendência já verificada desde a segunda metade do século passado, o surgimento e a multiplicação das pequenas comunidades de fé certamente será potencializado a partir da decretação do fim da pandemia da COVID-19.

Conclusão

A pergunta-problema que norteou o presente artigo foi: qual a importância das pequenas comunidades de fé presentes nas igrejas protestantes desde o final do século XX e início do século XXI para a criação de vínculos primários que contribuam para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e significativos no período pós-pandêmico?

É evidente que não se trata da única alternativa para a superação das possíveis enfermidades e situações de carências que se apresentam como sequelas da pandemia que há quase três anos assola a humanidade, mas fica claro também que a vida em comunidade, especialmente nas pequenas comunidades de fé, constitui-se numa boa alternativa para isso.

Não há dúvidas de que, pela configuração informal e de proximidade entre as pessoas, as pequenas comunidades de fé proporcionam oportunidades especiais para o cultivo de relacionamentos próximos e saudáveis, criando vínculos primários, que contribuem para a superação do isolamento e das sequelas deixadas pela pandemia da COVID-19, que ainda ameaça a população mundial, enquanto não for decretada o seu fim pela Organização Mundial da Saúde.

Referências

AMADO, Joel P. *Ser comunidade hoje: qual o melhor caminho? Alguns desafios atuais para a evangelização*. Disponível em: <http://www.infosbc.org.br>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHO, Paul. Y. *Grupos familiares e o crescimento da igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 1985.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

³⁵ STEPHANINI, 2016, p. 223.



FORTE, Bruno. *L'essenza del cristianesimo: il mistero dell'uomo nel mistero di Cristo*. Mondadori, 2002.

KIVITZ, Ed. Renê. *Outra espiritualidade: fé, graça e resistências*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

NEIGHBOUR, Ralph. W. *Unidades básicas do corpo de Cristo: vivendo a presença, o poder e os propósitos de Deus em comunidades bíblicas*. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2009.

PINHO, José E.B. *Critérios de comunhão e construção da comunidade*. Lisboa: Didaskalia, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial? Um estudo pastoral sobre pequenos grupos em Igrejas Batistas do estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

WAREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. São Paulo: Vida, 1997.

WONDRACEK, Karin H. K. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.